

## O SUFIXO –MENTE EM PORTUGUÊS

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)  
[paulomos@ufc.br](mailto:paulomos@ufc.br) e [paulomosanio@yahoo.com.br](mailto:paulomosanio@yahoo.com.br)

### RESUMO

Nosso propósito é focar o mais complexo sufixoide em português, o afixo final *–mente*. Delinaremos o comportamento do mesmo desde o Latim e, em seguida, estender-nos-emos pelo português arcaico. Nosso ponto de chegada é a língua moderna, em que analisamos, o comportamento historicamente herdado de *–mente*: braquissesmia sintática; determinador de pauta acentual 2 no radical; adjunção a formas adjetivais femininas, quando existentes, e a perda do valor semântico de modo para tornar-se um sufixoide com valor gramatical-adverbializador- e distribucional. Daremos a conhecer que a forma *–mente* nem tudo perdeu da língua antiga: está a meio caminho da composição e da derivação, constituindo o que Benveniste denomina sintagma fixo.

**Palavras-chave:** Derivação. Semiderivação. Composição. Suffixoide.

### INTRODUÇÃO

O estudo a que nos propusemos neste trabalho se insere num outro de maior amplitude, voltado para os pseudossufixos em português, a exemplo de *–zinho*, que, além de concordar com nome, ainda condiciona marca interna de gênero ou número na base, como *coraçõezinhos*; e *–mente*, que tem peculiaridades que preferimos tecer ao longo deste trabalho, tão complexas, que decidimos reservar para ele este espaço articular. Para os demais, reservaremos outro artigo, tratando-os em bloco.

Encetamos nossa análise diacrônica, remontando ao Latim. Depois incursionamos pelo português arcaico a fim de mostramos que *mente* resiste incólume a qualquer descrição sincrônica de tal modo que as formações com ele se podem inserir-se na *lexicalização*, fenômeno a que oportunamente aludiremos.

Como asseveramos, vamos ascender ao latim, a fim de desfazermos o mito corrente de que, por ter passado às línguas românicas, a supracitada forma sufixal é vulgar. Em seguida, adentramos o vernáculo lusitano no desiderato de pôr as bases do problema que, como esfinge, desafia a morfologia, quer estrutural quer gerativa.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Como daremos a conhecer no percurso do texto, *mente* exhibe atualmente características composicionais. Todavia, por se ter esvaziado semanticamente, comporta-se também como derivado. Em suma, *mente* é híbrido, nem elemento de composição nem de derivação. Isto ficará claro no decurso deste artigo.

Um fenômeno basilar, mas complexo, porque não há uniformidade no tratamento do mesmo, diz respeito à gramaticalização, que comporta graus. Dele falaremos superficialmente.

Um aspecto do fenômeno diz respeito à mudança de uma classe para outra de menor densidade semântica. No português antigo, por exemplo, temos a palavra *homem*, que passou de substantivo a pronome indefinido, com traços de classe: aplica-se a humanos, é genérico. A gramaticalização, como dissemos, é relativa: no caso que nos interessa, *mente*, com o significado de “espírito, mente”, esvaziou de sentido e aproxima-se da condição sufixal, dos sufixos transcategorizadores. Em suma: mudar de substantivo para pronome não tem o mesmo estatuto de uma mudança de substantivo para sufixo ou sufixoide, termo que será bem delineado ao longo deste trabalho.

Outro possível aspecto na gramaticalização é a perda da massa fônica. O clássico exemplo é a formação do futuro: *amarei*, vem de *amar’ai*. A forma *ai* é redução de *habeo*. Evoluiu para *ei*, plenamente integrada ao verbo, despojado de tonicidade. Porém, a força diacrônica é tamanha que ainda persiste o sentido de modalidade, que, às vezes prevalece sobre o tempo. É de questionar-se sobre os casos legítimos de gramaticalização plena

O estudo da gramaticalização leva-nos à escalaridade. Dificilmente a gramaticalização se plenifica. Por exemplo, os auxiliares: para *nó*, em *estou escrevendo*, não vemos diferenças de sentido de *estou* em frases como *estou bem*. A ideia estativa permanece. Há possibilidades de intercalação ente Verbo principal e Auxiliar etc. Os exemplos podem ser multiplicados *ad libitum*.

O acento, convém assinalar, é importante. Enquanto *ai* perdeu acento, *mente* não se despojou dele.

Para nosso desiderato, eis o quanto basta sobre gramatilização, pois, irmos além destes delineios supra, nos levaria longe de forma a perdermos nosso referencial. Começemos, pois, pela gênese

do problema, que exporemos em pormenor.

### 1. A gênese latina

Diferentemente do que alguns imaginam, *-mente* não tem gênese no latim vulgar ou no latim popular, para nos valermos de terminologia empregada por eminentes estudiosos de Romanística, que julgam o adjetivo *vulgar* de natureza pejorativa.

Coutinho (1976, p. 264) detecta nos grandes escritores latinos a forma *mente*, “mente, espírito”. Os exemplos são extraídos de Ovídio: *mente ferant plácida*, e a Quintiliano: *bona mente factum*. A forma ora em tela não nos parece vulgar, popular: observemos que adjetivo e substantivo se encontram no ablativo, sendo a forma adjetival e *mente* uma sorte de paracomposição. O processo adjetivo e *mente* era nos primórdios capaz de engendrar paradigmas consistentes, e os componentes eram bem configurados mórfica, semântica e fonologicamente. Era locucional não composicional, segundo o autor de *Pontos de gramática histórica* (*locução* é termo que se aproxima do de sintagma fixo, em parte)

Maurer Jr. (1959, p. 163-64) afirma que *mente* se dá como criação vulgar. Informa também que ela é com alguma frequência empregada por autores cristãos, e com sentido de “intenção”. Os exemplos do grande romanista brasileiro são extraídos da *Vulgata* e de Santo Agostinho.

Realmente o uso de formações com em *mente*, na pena de renomados autores cristãos, pode induzir a que creiamos na origem vulgar das construções com *mente*. Afinal, os citados autores se valiam de expedientes linguísticos populares para que a fé cristã se difundisse. Sabemos que os estes difusores do Cristianismo, mesmo os de grande nomeada, constituem uma das fontes do *sermo uulgaris*.

Maiores subsídios colhemos em Maurer Jr. (1951, p. 162-63). As conclusões são mais incisivas. Através da obra, constatamos que as formações com *mente* são “como tantas outras criações medievais, patrimônio de todo o Ocidente Românico” (*Idem*, p. 161). A princípio, afirma o Romanista, apoiado em Grandgent, “*mente* era formador de advérbios de modo, já terminado o período do latim vulgar”.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Um adendo: talvez no começo, *mente* tenha tido saliência como formador de sintagma fixo (cf. BENVENISTE, 1989) não de composto. Não se tratava, reiteramos, de composição perfeita, mas de processo fronteiro entre composição e sintagma.

Para nós, o compósito adjetivo no ablativo com a forma *mente*, também no ablativo, impõe uma leitura instrumental, pois o ablativo é deslocamento *lato sensu*: movimento físico de A para B; “movimento” de uma causa para um efeito; movimento de instrumento para o resultado dele. Por que não interpretar as formações com *mente* como “meio”, instrumento”? *Placida mente* seria originalmente “por meio de minha calma mente”. *Placida mente* é o ponto de origem ou deslocamento. Noções semânticas são escorregadias e debordam. Com algum esforço, podemos ver liames entre modo e meio. Só para sermos mais peremptórios: não há diferença semântica entre uma oração causal e uma final, pois um e outra são indicadoras de causa. Repetimos: sentidos não são facilmente estruturáveis.

No tocante à introdução tardia das formações aqui focadas Maurer Jr. (1951) assenta que “o valor adverbial ou modal da locução (veja-se bem: não derivação, nem composição) formada com *mente* era apenas sensível no século 6 e foi durante o período bárbaro que o sentido original de *mente* se foi esvaziando” (1951, p. 163).

Nas *Glosas de Reichneau*, informa o grande estudioso, *sola mente* traduz o clássico *singulariter*. Em *La Vie de Saint Alexis*, obra do século X, encontram-se formas como *longement*, *fortment* e *parfitement*. A soldadura entre o adjetivo ablativo e *mente* já se tinha efetuado ou estava em curso.

Maurer Jr. (1951) explicita melhor que o assim chamado sufixo *mente* não é só de criação tardia, mas também é criação erudita. A ausência de *mente* em Romeno, segundo o estudioso, demonstra ser uma criação em época pós-latim vulgar. O fato de as formações em *mente* serem de extração erudita não devem causar espécie, pois, por certo tempo, a diferença entre o *sermo urbanus* e *sermo vulgariis* não era absoluta. A título de ilustração, vejam-se nossos futuros, formados de verbo principal anterior ao auxiliar *habere*, de caráter inicialmente mais modal que temporal. A 1ª pessoa do singular de *amare* era *amare habeo* ou *amar'ai*. O tempo não possui estrutura clássica (a 1ª pessoa do singular, no caso, era *amabo* em latim clássico), mas

o processo de formação não tem origem erudita.

Väänänen (1975, p. 196) cita, para as formações com *mente*, os exemplos latinos: Vergílio e Cícero, e os grandes homens da Igreja, como São Jerônimo e São Gregório Magno. Se nos detivermos nas ilustrações, verificaremos que é nítida a ideia de modo, disposição, intenção da forma *mente*. (cf. IORDAN y MANOLIU, 1980, para exemplos e para investigação do evanescimento semântico de *mente*).

## 2. As formações em *mente* no vernáculo

### 2.1. A braquisssemia

Tendo a nossa língua perdido a noção de caso, o *-a* antes da forma em *mente*, era interpretado como desinência de gênero e não mais como marca de ablativo. Maurer Jr. (1951, p. 370) nos oferece um curioso exemplo do *Livro da Montaria*, em que a forma *mente* mantém o significado original de “mente, espírito”, propiciando analisar *-a* como forma genérica: “se vir que lhe anda pesadamente nas treelas ou de maa mente”. O interessante é o haver formação amalgamada *pesadamente* e a outra, uma locução prepositiva *de maamente* (é difícil rastrear ora o amálgama ora a disjunção das formações com *mente*, o que demandaria longa empreitada) Vasconcelos (1926) remete às locuções *à boa mente* e *de boa mente*, “as quais, por causa do *a* e do *de*, é menos exato escrever *boaamente*, mostra-se ainda *mente* como substantivo” (1926, p. 183)<sup>31</sup>. Moraes Silva (1813), no

---

<sup>31</sup> As formações em *mente* não impediram outros modos de expressar a adverbialidade: através da conversão, a exemplo de *falar baixo*, processo conversivo que remonta ao latim como em *clamo altum*. Outros modos se manifestaram: via preposição com substantivo, a exemplo de *de propósito*, e preposição mais adjetivo, como *em vão*. Formações do tipo *às claras* e *às escondidas* são obscuras etimologicamente. Coutinho (1976:264), embora com cautela, alude, para tais casos, ao paradigma latino *a foris*. Muito improvável para nós esta expansão. A combinação de preposição e substantivo era conhecida em Latim Vulgar: *cum fide*, *cum amore*. O emprego adverbial de adjetivos foi fortemente difundido na época medieval (cf. MAURER JR., 1959, p. 164-65). A propósito, o uso da forma adjetival foi registrado pelo gramático Sérvio, mas como solecismo, segundo testemunho de Maurer Jr. (1959, p. 165). Porém, segundo o grande romanista brasileiro, os adjetivos tinham, no latim literário, uso adverbial por conversão junto a verbos intransitivos. Cita Plauto, na obra *Miles Gloriosus*, e Vergílio, nas *Geórgicas*. Isto atesta os limites pouco preciso entre Latim Clássico e Latim Vulgar, pelo menos durante algum tempo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

verbete *mentes* se refere a expressões antigas, que asseguravam e firmavam mais o significado de “mente”: *meter mentes*, *parar mentes*, com o sentido de ‘ter intenção’.

Neste particular, isto é separabilidade entre adjetivo e *mente*, interessante é notar que um autor de renome, como Lausberg (s/d, p. 313), fala da braquissemia sintática não só em português, como em outras línguas românicas. Porém, só deixa explícito o caráter arcaico da separação no francês e no italiano, e no provençal (em que a braquissemia se dá, curiosamente, tomando-se o primeiro adjetivo como eixo, por exemplo, *devotament* e *húmil*)<sup>32</sup>. É Vasconcelos (1901) que de fato nos informa sobre a disjungiabilidade da base relativamente ao constituinte *mente*.

Dias (s/d, p. 174) e Melo (1978, p. 194) nos informa por ilustrações a braquissemia na pena de autores antigos, como Vieira (o último exemplo é extraído do segundo autor):

- a) Curados mimosa e não radicalmente;
- b) Tirou a consequência tão discreta como verdadeiramente;
- c) Isaías que foi de todos os Prophetas o que mais própria e elegantemente soube falar;
- d) Se um homem está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira e profundamente suas culpas, ninguém dirá dele tanto mal, que ele não se julgue muito pior.

Interessante é esta ilustração que Mattos e Silva (2001, p. 69) retira de *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, em que a formação em *mente* antecede a forma curta do adjetivo no feminino:

- a) en todas as averssidades e nojos te ajas pacientemente e humildosa, e ssejas em ella ledou ou contente

Meier (1974, p. 114, 125) nos informa sobre a continuidade

---

<sup>32</sup> Jordan y Manoliu (1980, p. 370) oferecem informações bem gerais sobre este caráter de disjunção. Só inferimos que o espanhol apresentava disjunção por causa do contexto discursivo: “em francês antigo e em espanhol, *mente* conservava ainda certo grau de independência em relação ao adjetivo” (...) (1981, p. 370). Lausberg (s/d) e Jordan y Manoliu (1980) ficam a devernos descrições mais precisas, em especial, no tocante a nossa língua.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

do fenômeno braquissêmico no século XIX, para o que exemplifica com Eça de Queiroz, nas obras *As Cidades e as Serra* e *Contos*:

- a) Dois poços fundos não luzem mais negra e taciturnamente do que luziam os seus olhos taciturnos e negros;
- b) O José Martins, para contemplar o terraço da Parreira, já abria de novo as vidraças, larga e extaticamente;
- c) Todos os pêlos se arrepiaram quando o tigre e a pantera negra, ondulando calada e aveludadamente;
- d) E persuadindo Adão a que partilhasse do transcendente pomo, muito doce e enredosamente, resvalaram;
- e) Como descobrira a generosidade de Elisa, (ele) logo se tornou congênere e suntuosamente generoso;
- f) Ulisses considerava... o mar muito azul que mansa e harmoniosamente sobre a areia;
- g) Dois poços fundos não reluzem mais negra e taciturnamente do que luziam seus olhos.

Este exemplo abaixo, do parnasiano Raimundo Correia, é extraído de Melo (1976:80), que avalia estilisticamente a braquissêmia em oposição à série não braquissêmica:

- a) Vai co'a sombra crescendo a sombra informe / Do baobá... E cresce n'alma o vulto /De uma tristeza imensa, imensamente.

### **2.2. A perda do valor semântico “modo”: o sentido adverbializador**

Com valor de “modo” os advérbios sintagmáticos podiam ordenar-se. Porém a coordenação podia dar-se com outros advérbios ou até com as assim chamadas locuções adverbiais, consoante podemos deduzir destes excertos de frase de Mattos e Silva (1984, p. 479), cujo corpus promana dos Diálogos de São Gregório: *ben e honradamente, mal e desonradamente, livremente e de maior vagar*. Todavia, estas ilustrações só confirmam topicamente o valor semântico de modo das formações em *mente*. Este valor semântico já dava

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

sinais de esvaecimento. Para tanto, recorreremos à nossa ilustre estudiosa de diacronia de nosso vernáculo.

Mattos e Silva (1984) nos brinda com uma detalhada descrição das formações em *mente* em um alentado trabalho sobre o português trecentista. No concernente às formações adverbiais com *mente*, nenhuma delas apresenta, para nossa surpresa, em separado o adjetivo e a forma *mente*.

A autora nota que ocorre uma forma *solamente*, com valor de “apenas”. Já não se trata de valor modal. Eis os exemplos extraídos de Mattos e Silva (1984, p. 476)

- a) O pecador que non recebe senon vida da alma solamente.
- b) ...non recebessen senon em sãs vontades solamente.
- c) Avia gloria na alma solamente.

Aparecem as formas *primeiramente*, e *entramente*, que têm caráter temporal. Mais uma evidência de que se esvaía o caráter modal de *mente*.

Outro fato é que certas formações em *mente* se comportam como advérbios atitudinais, denotando a posição do falante face a seu enunciado. Apresentamos os exemplos de Mattos e Silva (1984, p. 476-77).

- a) E, certamente, assi acaeceu.
- b) Certamente, assi o fazen.
- c) Aquele que non cree... certamente non he fiel.
- d) Verdadeiramente, hoje he dia de Pasqua.
- e) Verdadeiramente, a verdade daquesta profecia mais claramente veemos.
- f) Verdadeiramente, pode duvidar.

Observemos estas três ocorrências, escolhidas de seis, dos advérbios *maiormente* e *moormente* (MATTOS E SILVA, 1984, p. 477).

- a) Conhoceron muitos destes e, maiormente, a santa virgen Gregoria.



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- b) Obra de mui gram trabalho he,...e, maiormente, quando o coração he embaegado.
- c) Entre o senhor e aqueles que o serven, maiormente, aqueles que mais chegados son a ele.

Meier (1974, p. 70) nos apresenta um advérbio, que, embora não atitudinal, *eternamente*, perde seu valor de modo, justamente porque a base tem valor temporal. Trata-se um trecho de *Sôbolos rios*, de Camões:

- a) Que depois de a ti subir/Lá descanse eternamente

Outro trecho do mesmo poeta, e com o mesmo advérbio, vem-nos à memória. Referimo-nos ao sobejamente conhecido soneto camoniano, *Alma Minha*, do qual tiramos o excerto:

- a) Descansa lá no céu eternamente/E viva eu cá na Terra sempre triste

### **3. O sufixo *mente* no português atual**

Em português atual, a forma *mente* conserva características da língua antiga. É prova cabal de que um estado de coisas pode persistir por muito tempo. Não se aplica a famosa tríade *in totum* hegeliano-marxista *tese antítese síntese*. Estados anteriores persistem de modo a confirmar que a língua é um sistema dinâmico, histórico, que traz no seu bojo antigos estados e sinaliza novos (cf. o conceito de *deriva* em SAPIR, 1980). A língua não é exatamente um sistema, mas um sistematoide, como bem asseverara Glinz (*apud* CÂMARA JR., 1977). A generalização da *Aufhebung* hegeliana, por meio da negação da negação, é usurpar o papel da DIVINA PROVIDÊNCIA, como sabiamente afirmou o saudoso linguista Sílvio Elia (1978).

Para nós, *mente* é, no estado atual da língua um sufixoide. Reduziu-se à função de formador de advérbios por dois motivos:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- a) extensão do emprego a bases adjetivais com valores diversos, como o de “tempo” (ano, diário, mensal) e o de “intensidade” (intensa, extrema);<sup>33</sup>
- b) expansão de seu emprego à formação de advérbios que modificam adjetivos, sintagmas e até orações (advérbios atitudinais, externos ao todo oracional).<sup>34</sup>

Indagamo-nos se não seria o caso de desuniformizar a classe para, em função dos contextos, termos classes distintas. Haveria, como não poderia deixar de ser, uma relação de custo benefício: a maior cientificidade do estudo em troca da pulverização da classe. Todavia, tratar da classe adverbial e suas diferenciações semântico-discursivas nos levaria para além do que nos propusemos neste trabalho. Isto sem falar dos aspectos estilísticos atinentes à classe ora em tela. Só para ilustrar: na série dos advérbios em *mente*, sem braquissmia, cada advérbio ganha saliência, diferentemente do que ocorre com a série com braquissmia. No entanto, o foco deste artigo são os advérbios em *mente* no que tange ao seu caráter de sufixoide. Não cogitamos focar a classe como um todo.

Outro ponto diz respeito à braquissmia sintática, o que nos permite dizer: *esplendidamente, claramente e lucidamente* ou *esplendida, clara e lucidamente*. Trata-se de herança da língua antiga, provavelmente por via erudita, quiçá literária. É um ponto a investigarmos.

Os advérbios em *mente* têm pautas acentuais 2 e 3, na base e no sufixoide respectivamente. Em *esplendidamente*, há acento 2 na

---

<sup>33</sup> Alentado estudo, não só gramatical, mas também estilístico, encontra-se em Meier (1974, p. 61-127). Cita fartos exemplos de formações em *mente* na *Chanson de Roland*. Mostra-nos, em seguida, a tendência latinizante, no século XVI, de operar a conversão do adjetivo em advérbio por força do contexto sintático. Analisa Camões, Eça, Fernando Pessoa, representantes da Literatura Francesa.

<sup>34</sup> A discussão sobre este assunto relativa à pulverização da classe adverbial preliminarmente em diversas outras como *negação verbal, intensificador, adjunto circunstancial, atributo, adjunto adverbial e adjunto oracional* encontra-se em Perini (1995, p. 338-342). É bom lembrar, todavia, que a negação tem escopo muito amplo, podendo atingir itens lexicais ou sintagmas. A bem da verdade, todavia, o tom dialógico do autor deixa margens a reflexão. Para mais discussões, no âmbito gerativista, sobre o escopo do advérbio, no caso a forma *provavelmente*, consulte-se Mioto, Silva e Lopes (2005, p. 16-18).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

sílabas *plen* e 3, na sílaba *men*. Por causa desta dupla pauta acentual, Augusto dos Anjos pôde assim expressar-se em sua *Psicologia* de um Vencido: *Profundissimamente hipocondríaco/ Este ambiente me causa repugnância*. As duas pautas acentuais do decassílabo estão no advérbio *Profundissimamente*, as quais se complementam à terceira da sílaba tônica de *hipocondríaco*. O poeta valeu-se do advérbio em sua condição de ser formado por dois vocábulos fonéticos.

A braquissesmia na língua de hoje não advém da consciência de composição como deseja Nunes (s/d, p. 350) porque o sufixoide *mente* se encontra esvaziado de sentido. Mesmo em certa fase da língua antiga, esta aludida consciência já se esvaía.

Câmara Jr. (1985, p. 121) fala da existência de “dois vocábulos mórficos e fonológicos distintos usados em bloco como uma unidade secundária”. A forma adjetival concorda com *mente* no feminino. Não é de todo pacífica a posição do ilustre linguista. Simplesmente porque o significado lexical de *mente* não existe. A braquissesmia é um fenômeno que sobreviveu, mas não *pari passu* com a noção de “mente, espírito”. Concordamos plenamente com o autor: existem dois vocábulos fonéticos e dois vocábulos mórficos. Mas não é a duplo acento que explica a braquissesmia porque há sufixos como *zinho*, que não a têm. Além disto, é difícil explicar como o determinante adjetival tem seu gênero escolhido por um constituinte periférico, *mente* no caso, cuja classe gramatical seria ignorada.

Explicar a desinência via braquissesmia é um expediente formal: por exemplo, via comutação, em *a bela, esplendida e lúcida menina, menina* se põe à *mente*. Não deixa de ser meio interessante e legítimo, de fundo distribucional. Porém, há um ponto a discutir: o sentido de *mente*, que se evanesceu. A não ser que admitamos um sufixoide (ou sufixo, ao alvitre do teórico) adverbializador feminino, que elege o gênero do adjetivo, reiteramos. Ou quiçá atribuamos o estatuto de locução ou sintagma fixo à junção adjetivo + *mente*. Seria o mesmo que semicomposição ou semiderivação.

O ter gênero constituiria outro fator para considerarmos *mente* constituinte fronteiroço. Assim contemplaríamos a tese de Villalva (1990), de que o *a* que precede *mente* é desinência de gênero, embora a linguista portuguesa não defenda a contento o *a* desinencial. A prevalecer a tese de Câmara Jr. o *a* precedendo *mente* não é vogal de

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ligação, expressão inócua e vácuo, nem *morfe supérfluo*, expressão gerativista, de significado obscuro, que encontramos no livro de Rosa (2001). Porém, conforme dito, é ponto controverso a lição de Câmara Jr.

### **4. Conclusão**

As formações adverbiais em *mente* são semiderivacionais ou semicomposicionais. Os traços das semiderivações com *mente* são, de um lado:

- a) braquissomia sintática;
- b) pauta acentual 2 e 3 na formação engendrada de modo a termos dois vocábulos fonéticos e dois vocábulos mórficos sendo a junção artifício da escrita;
- c) anexação a formas femininas do adjetivo quando existentes.

De outro lado, *mente*:

- a) não possui significado lexical;
- b) muda as palavras de classe, no caso de adjetivo para advérbio.

Não damos, no entanto, a discussão por encerrada mormente quanto à discussão sobre o gênero de *mente*.

### REFERÊNCIAS

BENVENISTE, ÉMILE. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, s/d.

ELIA, Sílvio. *Orientações da linguística moderna*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

IORDAN Iorgu y MANOLIU, Maria. *Manual de linguística românica*. Madrid: Gredos, 1980.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.

MAURER JR. Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

\_\_\_\_\_. *A unidade da românia ocidental*. São Paulo: USP, 1951.

MEIER, Harri. *Ensaio de filologia românica I*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo e LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2005.

MORAES SILVA, Antonio. *Diccionario da língua portuguesa*. Vol II. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, [s/d].

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2001.

SAPIR, Edward. *A linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1975.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Livros de Portugal, 1926.

VILLALVA, Alina. *Morfologia*. In: MATEUS, Maria Helena Mira, ANDRADE, Amália, VIANA, Maria do Céu e VILLALVA, Alina. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.